

Autobiografia e ficção em *Xente de Inverno*, de Xosé Lois García

Carla Denize Moraes²⁸

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

Cláudio José de Almeida Mello²⁹

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)

Recebido em: 26/03/2017

Publicado em: 01/08/2017

Resumo

Ainda pouco conhecido no Brasil, Xosé Lois García, nascido em Lugo, na comunidade autônoma da Galícia, Espanha, representa um papel importante na cultura e na literatura galegas. Estudioso das manifestações culturais e da arte românica e seus símbolos, crítico literário e escritor, ele tem sua maior produção na poesia, ainda que possua narrativas de grande relevância. O objeto deste estudo consiste em um de seus livros, *Xente de inverno* (1995), que reúne quinze contos, com histórias ambientadas na Galícia dos anos 1940 e 1950, as quais estabelecem um diálogo com a realidade vivenciada pelo autor em sua infância. Os textos dessa coletânea transitam entre história e ficção, com uma linguagem carregada de lirismo e forte presença da memória cultural do autor e da sociedade galega. Por meio de procedimentos de revisão bibliográfica, análise e crítica literária, o objetivo deste trabalho é investigar os limites entre o autobiográfico e o ficcional em *Xente de Inverno*, a fim de compreender as relações entre ficção e memória. A partir dessa correlação, acredita-se ser possível compreender as possibilidades e limitações resultantes da associação dos gêneros autobiografia e ficção, bem como relacionar experiências pessoais do autor com ideologias veiculadas em sua narrativa.

Palavras-chave

Xosé Lois García. *Xente de Inverno*. Autobiografia e ficção.

²⁸ Carla Denize Moraes é professora da UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, atuando na área de Língua Portuguesa e Língua Inglesa. É doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

²⁹ Cláudio José de Almeida Mello é docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro-Oeste. Atua na área de Letras, com ênfase no Ensino de Língua e Literatura e Literatura Galega.

Introdução

Quando falamos em ficção, abre-se um leque enorme de possibilidades linguísticas, semânticas, temáticas e formais. Todas essas formas de realização endossam a livre circulação das ideias no meio ficcional, de forma a garantir que o que será dito não tem o compromisso de fidelidade com fatos da realidade concreta e por isso tal discurso pode ser forjado ao gosto de seu realizador. Ao mesmo tempo, essa fantasia pode trazer consigo uma carga de verdade maior do que nossos sentidos estão acostumados a presenciar no mundo sensível. Assim, a obra ficcional permite que o leitor perceba sua própria essência como ser humano e reflita sua realidade, podendo mudar sua interpretação sobre si mesmo e sobre o mundo em que vive.

Com efeito, a literatura, nas suas variadas formas, tem a propriedade de deixar marcas que podem alterar as concepções daqueles que desfrutam dela, desde que seja percebida como uma experiência, já que ela está longe de se assemelhar a um manual ou uma fonte qualquer de informação, afinal, a literatura “não tem nenhuma finalidade prática imediata” (EAGLETON, 2001, p.10). Ao contrário, seus efeitos se fazem sentir paulatinamente, através de um processo dialógico, uma vez que a literatura, ao mesmo tempo que reflete as circunstâncias em que é produzida, também interfere no ideário social de seu tempo, premissa que tangencia o pensamento de Candido (2010), o qual será explorado mais adiante.

Diante das interferências mútuas entre sociedade e literatura, e retomando o pensamento de Eagleton (2001), devemos considerar a importância da mudança dos tempos que traz consigo a alteração dos juízos de valor que as sociedades fazem a respeito das obras de seu tempo e de tempos pretéritos. Nesse sentido, Eagleton nos mostra que, ao longo da história da literatura, os diferentes aspectos formais que se sucederam provocaram diferentes reações no público leitor. Segundo ele, isso acontece porque “a dedução, feita a partir da definição de literatura como uma escrita altamente valorativa, de que ela não constitui uma entidade estável, resulta do fato de serem notoriamente variáveis os juízos de valor” (EAGLETON, 2001, p.15). Nesse contexto é que temos o surgimento constante de novos temas e novos gêneros na literatura.

Na atualidade, encontramos-nos diante de uma produção vasta e variada de textos, cada qual com suas particularidades e intenções, que refletem, em certa medida, o espírito da época em que estão sendo produzidos. Da mesma forma, um texto, por mais distanciado que seja da realidade vivenciada por seu autor, traz sempre consigo a herança das experiências

deste que vive, reflete, assimila, pondera e transforma a sua experiência em matéria-prima para a escrita. O texto representa uma tomada de posição do autor diante da vida e do mundo em que vive.

Diante disso, neste trabalho, pretendemos problematizar a relação entre a realidade e a ficção em *Xente de Inverno* (1995), de Xosé Lois García, bem como procuraremos compreender como os dados da experiência do autor se fazem presentes nas linhas das narrativas, procurando discutir como a literatura confessional pode dialogar com ficção. Com isso, esperamos desvelar a importância da memória no projeto literário do autor galego. A fim de procedermos com a análise de sua obra, inicialmente, julgamos importante fazer um breve resgate da trajetória pessoal e literária do autor, uma vez que ambas dialogam entre si. Em seguida, discorreremos sobre as relações entre sociedade, literatura e engajamento e sobre a presença dessas na escrita de García. Dessa forma, chegaremos à discussão a respeito do caráter autobiográfico da obra e sua relação com a ficcionalidade.

Xosé Lois García e a escrita engajada

O conjunto da obra de García é formado por variada produção e riqueza cultural. Sua produção engloba textos de crítica literária e de arte, poemas, ensaios e organização de antologias. Apesar desse ecletismo, há uma linha de pensamento que nutre certa coerência entre as obras e seus temas, personagens e espaços, que nos remete ao homem por trás dos textos, cuja ideologia é a da liberdade – seguindo na esteira do pensamento de Andityas Soares de Moura (2004), em seu livro *A letra e o ar, palavra-liberdade na poesia de Xosé Lois García*.

Nascido em 1945, em uma família humilde, em Lugo, interior da Galícia, García cresceu e se desenvolveu em Chantada e aos vinte anos mudou-se para Barcelona. Sua infância e juventude se passaram em meio às crises sociais e políticas que assolavam a população galega nas décadas de 1940 e 1950 e foram marcadas por muitas dificuldades sociais e lutas contra a injustiça, que mais tarde refletiram em sua produção, ajudando a construir o perfil de escritor e de ser humano que conhecemos hoje. De fato, sabemos que o autor é engajado politicamente desde sua juventude: “Atuou sindicalmente e na clandestinidade, lutando por ideais políticos de caráter socialista e em especial pela emancipação da Galiza”. (MOURA, 2014)

Estudioso das manifestações culturais ao longo da história, bem como da arte

românica e seus símbolos, ele ocupa um lugar de relevância na cultura e na literatura galegas, identificado como um intelectual que se interessa por resgatar a identidade política, cultural e linguística desse povo. Ao entrevistar García, Hermano Manuel Padrão (2006) destaca “[...] a enorme paixão, o extremo amor e empenho que Xosé Lois dedica à terra, aos povos e cultura da Galiza e do Norte de Portugal. Aliás, as suas obras são a melhor prova disso.” (PADRÃO, 2006, p. 5). Essa identificação com a comunidade galega e a comunidade lusófona promove um grande envolvimento do autor com as questões pertinentes à Galícia – que é manifestado em seus textos e em sua prática diária – mesmo vivendo fora da terra natal parte do ano. Ao escrever em galego, García evidencia seus esforços em preservar a identidade daquele povo ao passo que demonstra seu posicionamento frente às questões geopolíticas que envolvem a comunidade galega.

García tem sido reconhecido como intelectual e a repercussão de sua obra tem refletido a importância de sua produção. Fruto desse reconhecimento foi o colóquio organizado em Chantada, em sua homenagem, em agosto de 2005, cuja publicação aconteceu em 2006, organizada por Pepe de Requeixo e Cristina Mello. O evento reuniu vários autores, estudiosos e amigos os quais, sem exceção, deixam transparecer em seus textos o imenso apreço que têm por García. Os textos da coletânea traçam um perfil do autor e apontam características importantes em sua produção, como o engajamento verificável em seus textos e o lirismo de sua poética.

Tamanha é a repercussão de seu trabalho que este já atravessou fronteiras e encontrou abrigo em outros continentes, como é o caso da África, mais especificamente em Angola e Moçambique, locais onde sua atuação teve e ainda tem muita representatividade. Conforme nos informa Lívio de Moraes (2006), García publicou várias antologias da poesia africana. A primeira, em 1987, levou o título de *Poesia em Accion* (Antologia de la poesia mozambicana del siglo XX). Depois dessa, muitas outras vieram, tanto que o autor é considerado pelos escritores africanos “o apaixonado investigador de literatura africana de expressão portuguesa” (MORAIS, 2006, p. 51). Além das antologias, o escritor galego também se dedicou à tradução, à crítica literária de autores africanos, a prefácios, bem como participou ativamente de congressos e simpósios que discutiam cultura, literatura e política africanas, ações que vem a confirmar sua personalidade engajada social e politicamente.

Na produção de García, há um espaço de grande destaque para a poesia, mas ele também escreveu teatro, crítica literária e de arte, ensaios e narrativa em prosa. Nessa última, sua produção são os livros *Xente de Inverno* (1995) e *A idade do orballo* (2009), pertencente à coleção de livros infanto-juvenis Ponto de Encontro, na qual o autor tem mais duas

contribuições: uma delas a peça teatral *Labyrinthus* e a narrativa *A mulemba que fala*.

Observando os escritos do autor galego, Moura (2010) afirma que dentre os temas mais recorrentes na obra de García estão o amor e a morte. Contudo, com relação ao primeiro: “não apenas o amor sensualizado e sexualizado, mas o sentimento de pertinência e de familiaridade que guardamos em relação aos homens e às coisas, pois também é possível amar um rio, uma paisagem, uma lembrança” (MOURA, 2010, p. 6). De fato, notamos que essa manifestação temática corresponde ao apego sentimental que o autor em estudo nutre em relação à Galícia e ao norte de Portugal. A morte contrasta com o amor na obra de García e em *Xente de Inverno* ganha contornos de denúncia de sua banalização e, ao mesmo tempo, de seu caráter intimidador, corroborando as condições opressoras a que se submetem seus personagens.

De outro lado, há no conjunto da obra de Xosé Lois García um forte engajamento político-social, trazendo à baila temas que envolvem as lutas políticas, sociais e ideológicas dos povos portugueses e espanhóis, relacionados, especialmente, a episódios da história da Galícia. Através da literatura, o autor atua na sociedade em defesa do povo galego, desvelando os problemas enfrentados por eles ao longo de anos, buscando preservar a sua identidade e sua língua.

[...] diferentemente do intelectual que se constitui como tal, deixando o terreno da literatura, o escritor engajado deseja fazer aparecer o seu engajamento na literatura mesmo; ou, dizendo de outra forma, deseja fazer de modo que a literatura, sem renunciar a nenhum dos seus atributos, seja parte integrante do debate sócio-político. (DENIS, 2002, p.22)

A literatura engajada não se desvincula de sua especificidade que é o texto literário como arte, mas esse texto deixa de ter uma finalidade nele mesmo para servir a um propósito que o transcende. Esse propósito dependerá do contexto em que o engajamento surge e, portanto, dependerá da realidade que o gerou.

A realidade vivenciada servirá de pano de fundo para as discussões que o autor engajado promoverá por meio de seu texto. Ora, em *Xente de Inverno*, realidade vivida e ficção se unem para representar ficcionalmente aspectos da história do povo galego, que também é a história de García.

Em se tratando de realidade e ficção, quando questionado se *A Idade do Orballo*, seu livro em prosa mais recente, guarda semelhanças em relação ao *Xente de Inverno*, García afirma que:

Tem alguma similaridade, porque também são relatos sobre personagens populares e tradições desses lugares em que se misturam a realidade e a ficção. Neste livro há mais ficção do que em *Xente de inverno*, que se baseia em grande parte em personagens e acontecimentos reais de Chantada nos anos quarenta e cinquenta. Nas narrativas de *A idade do orballo* aparecem personagens históricos reais, como o escritor Camilo Castelo Branco ou o bandoleiro Zé do Telhado, porém sucedem-lhes coisas imaginárias. Noutros casos, os protagonistas são personagens inventados, como o caçador Paulo Bordalo e o cozinheiro Carlos Malhoa, mas as suas vidas situam-se num contexto histórico real. (GARCÍA, 2010, grifos do autor)

A revisitação das tradições por um olhar crítico em *Xente de Inverno* é feita a partir da rememoração pelo autor de episódios importantes da história da Galícia, fato recorrente na história da literatura galega, em função da responsabilidade política que os autores assumem. Por isso, a literatura e a história galega “andam sempre juntas” (MOURA, 2010, p.3), como acontece em García.

Tal aproximação é produtiva para a análise do aspecto ideológico da estética, pois ela propicia associações de texto e contexto, dialeticamente, já que “[...] forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor” (CANDIDO, 2010, p.35) e se constituem em condições materiais a partir das quais a obra é produzida. Essas forças sociais se transformam em artefato estético e possuem evidentes implicações políticas para a comunidade leitora.

O artista tem, portanto, uma função social, uma vez que através de sua arte ele tem a capacidade potencial de, senão transformar o leitor, ao menos causar o estranhamento necessário para sua reflexão. A aspiração artística é primeiramente individual e, depois de repercutida no grupo, social. Por isso não se pode pensar a obra, o artista e o leitor como instâncias separadas. Há entre eles influências recíprocas que constituem a socialidade da literatura, fundamental para a existência da obra de arte. Antonio Candido (2010) mostra que há uma discussão infrutífera no que diz respeito à motivação da obra de arte: se parte do individual para o coletivo ou faz o processo inverso. Isso porque o impulso criador: “[...] surge na confluência de ambas, indissolivelmente ligadas. Isto nos leva a retomar o problema, indagando qual é a função do artista, qual a sua posição social e quais os limites da sua autonomia criadora.” (CANDIDO, 2010, p.35).

Essa discussão se torna pertinente para o entendimento do nosso objeto de estudo, uma vez que elucida o posicionamento do artista diante da sociedade, se não como agente de transformação, ao menos problematizador das questões sociais de seu tempo. Ora, sabemos que García, desde muito jovem, se interessou pela sociedade ao seu redor e sempre procurou interferir nessa realidade com o ideal de colaborar com sua transformação:

Durante a juventude, foi operário na fábrica de carros SEAT por 18 anos, período que o poeta classifica como “inferno”. Actuou sindicalmente e na clandestinidade, lutando por ideais políticos de carácter socialista e em especial pela emancipação da Galiza. (MOURA, 2004, P.10)

Há que se notar que, em *Xente de Inverno*, a memória das lutas políticas, bem como do envolvimento do autor em manifestações sindicais, algumas delas clandestinas, serve de mote nos contos do livro. Da mesma forma, grande parte das experiências de sua vida, sua postura ideológica e política se fazem notar nas linhas da narrativa ficcional. Um exemplo é a luta de classes e o racismo, cujo enredo se desenvolve na Galiza dos anos 1940 e 1950, como afirma o próprio autor em entrevista à revista *La voz de Galicia.es*, em 2010.

Forjando o imaginário nas malhas do real

O resgate histórico através das memórias do autor serve de artefato para a criação literária e se torna uma forma de preservar um passado que se deseja resgatar, pela sua importância para a história, cujo registro através da escrita garante o reviver da memória cultural de uma comunidade. Nesse sentido, Bosi aponta que:

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 2009, p.46, grifos da autora)

A partir da recuperação da memória, transformamos o presente e mudamos a perspectiva sobre o passado. Porém, essa memória não aparece em estado puro, pois, quando ativada, se mescla com imaginações e interpretações do passado, muitas vezes criticamente. Nesse sentido, é pertinente recorrer às palavras proferidas no momento da arguição durante a defesa de tese de livre-docência de Ecléa Bosi: “uma lembrança é como um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Burilar, lapidar, trabalhar o tempo e nele recriá-lo constituindo-o como *nosso* tempo” (BOSI, 2009, p.22, grifo da autora).

Esse registro por meio da memória colabora para a construção da identidade de um povo, uma vez que não podemos nos apoiar somente no presente para contar sua história. Assim,

Narrar a história de um povo a partir apenas do tempo presente, tempo fragmentado,

direcionado, [...] é negar a articulação de épocas e situações diferentes, o simultâneo, o tempo da história e o pensamento do tempo. Ora, é essa articulação que permite diferenciar condutas múltiplas no tempo e reconhecer que práticas políticas e culturais, consideradas estranhas e indesejáveis em determinado momento, sejam vistas de maneira diferente em outro. (NOVAES, 1996, p.9)

Sendo assim, a memória coletiva e as histórias orais imortalizadas no relato ficcional podem conter elementos por vezes não percebidos pelos historiadores, muitas vezes concentrados em fatos documentados e grandiosos. Já a memória resgatada pela ficção pode revelar detalhes da vida cotidiana, os quais têm grande valor, uma vez que dialogam com a história oficial e completam ou questionam suas lacunas (HELLER, 2000).

Essa articulação entre o presente e o passado pode se dar de várias formas. Um fato histórico pode ser analisado e reconstruído por meio do olhar do historiador ou então pelos relatos de pessoas comuns, que viveram e sentiram os episódios que estão sendo contados; ou ainda, é possível que se olhe para o passado à luz das concepções do presente, reconstruindo-o de forma crítica. Em *Xente de Inverno*, García busca resgatar episódios vivenciados pelo povo galego.

O que ocorre é que, em qualquer narração que pretenda recuperar histórias, o fato presentificado sempre ganhará novos contornos e perspectivas, dependendo de quem conta, quando, como e com que objetivo conta.

Quando se considera a escrita biográfica, além de se tratar de uma escrita imaginativa, do problema da linguagem e da abordagem genológica utilizada, o escritor projeta em seu texto as suas percepções da vida de outrem. Diante disso, Dante Moreira Leite (1979) explica que a fidelidade do que foi relatado dependerá da interpretação do escritor sobre a vida do biografado. Nas palavras do teórico: “toda biografia é trabalho de interpretação e, portanto, de imaginação criadora” (LEITE, 1979, p.25). Portanto, toda biografia pressupõe uma dose de ficcionalidade.

Mas é bom lembrar, com Vargas Llosa (1996), que a ficção tem a propriedade de revelar verdades escondidas porque não tem compromisso com a verdade. Essa premissa garante ao autor uma grande liberdade para falar em nome de um personagem ou de uma coletividade sem consequências indesejadas no mundo concreto. Quando temos um ponto de contato com a realidade, como é o caso das biografias e autobiografias, complexifica-se o processo de escrita, porque a lógica do relato será invertida e se partirá do compromisso com o factual.

Em sentido estrito, a autobiografia é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em

particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p.16). Remédios (1997) comenta que no século XX há uma grande movimentação em direção aos gêneros chamados confessionais, como os diários íntimos, as memórias, os relatos pessoais, biografias e autobiografias. Para a autora, esse sucesso do gênero pode estar relacionado ao fato de que a forma como são escritos promovem uma aproximação do leitor com o autor. Poderíamos dizer que se cria uma cumplicidade muito valorizada pelos leitores da Era Moderna.

No sentido do que foi dito, estritamente, nosso objeto de estudo não guardaria relação com o gênero autobiografia. Porém, há que se notar que ele próprio gera desdobramentos, assim como faz parte de uma categoria maior, a literatura confessional:

Literatura centrada no sujeito, pois o sujeito é objeto de seu próprio discurso, denomina-se confessional ou intimista e adquire configurações diversas. Os textos que a constituem são agrupados, segundo suas semelhanças, em conjuntos diferentes, os quais dão origem a um determinado gênero da literatura íntima. O limite entre um gênero e outro é bastante tênue, assim como o entrecruzamento desses gêneros é comum. (REMÉDIOS, 1997, p.9)

Do mesmo modo, há uma tendência contemporânea de hibridização dos gêneros, o que gera várias possibilidades de desdobramento. Como exemplo, temos o romance autobiográfico, que seria uma espécie de gênero híbrido resultante do entrelaçamento da autobiografia com a narrativa ficcional. No caso da autobiografia comparada com o romance autobiográfico, temos “diferentes níveis de identidade e não-identidade entre autor-narrador-personagem” (REMÉDIOS, 1997, p.11), o que gera as diferentes formas de texto. Essas diferentes formas de identificação remetem à ideia de que há várias formas de narrar, e a realidade está presente em cada uma delas de maneira diferente, em maior ou menor grau, como já afirmou Antonio Candido (2010).

Nesse embate entre fato e ficção, a autobiografia, portanto, aparece como uma das possibilidades de realização. A escolha dependerá de seu realizador, de seus objetivos, do quanto quer revelar sobre si. Ao contrário do que se pensa, o homem se revela mais na ficção do que na autobiografia: “Ao pretender reduzir a vida aos acontecimentos, dela retiramos o sentido mais amplo e mais humano, e apenas através deste podemos compreendê-la.” (LEITE, 1979, p.26). Certamente, a escrita ficcional proporciona uma experiência de liberdade muito maior se comparada com a autobiografia:

Ao inventar, o criador se revela, e essa revelação seria impossível se fosse tentada no domínio consciente, dentro de estreitos limites da lógica e da racionalidade, pois o criador resistiria à devassa de seu mundo interior. Se se quiser uma frase feita para sintetizar a situação, basta lembrar Oscar Wilde: “o homem quase nada nos diz quando fala em seu nome; deem-lhe uma máscara, e ele dirá a verdade”. (LEITE, 1979, p.26)

Assim, o escritor poderá desenvolver várias facetas para falar sobre si, seja abertamente, seja por meio de uma máscara. A literatura poderá, inclusive, disseminar a visão de mundo e postura ideológica do autor diante dos fatos vivenciados. O que ocorre é que os fatos narrados aparecerão como um diálogo com a realidade vivida e internalizada pelo autor. Em grande parte das vezes, o que se considera ficção é uma tradução da experiência, uma forma velada de revelar o eu interior através da escrita. Portanto, “[...] podemos dizer que, para alguns, a confissão só é possível através de figuras imaginadas, onde o autor projeta as suas experiências e sua maneira de ver o mundo [...]” (LEITE, 1979, p.29).

Como vimos, alguns textos podem conter elementos autobiográficos, ainda que não se constituam como tal. Parece-nos o caso de *Xente de Inverno*, com textos que resgatam a memória pessoal do autor via ficção, de acordo com o que afirma Bouza (2006) ao se referir ao livro:

[...] relatos curtos que refletem as vivências do autor numa Galícia da sua infância e mocidade que está a ponto de desaparecer nos tempos de hoje. Deste jeito, os relatos não só possuem um valor estético indubitável, mas também constituem ao mesmo tempo uma certa aproximação com o mundo rural galego da segunda metade do século passado [...]. (BOUZA, 2006, p. 157)

Nesse sentido, o conjunto de situações reais vivenciadas por García e ficcionalizadas na narrativa o distancia do modelo de autobiografia tradicional, porém guarda elementos que dialogam com o gênero. Essa escolha pode aparecer como elemento representativo da liberdade mencionada por Moura (2004). A forma e o conteúdo em busca da liberdade prezada por García simbolizam uma manifestação particular de ideologia em defesa de um povo oprimido pelo poder espanhol na Galícia rural da metade do século XX. Nesse sentido, sua escrita pode ser percebida como uma narrativa memorialística, que busca nas experiências do autor a matéria-prima que sustentará a criatividade narrativa.

É possível perceber, por exemplo, que há uma identificação entre as vivências do narrador e as histórias vividas pelos personagens ao longo dos contos ou, mesmo, que há coincidência entre memória cultural do autor e as situações que se sucedem no universo diegético. Sabemos que García desde muito jovem esteve envolvido em movimentos de cunho político, sempre reivindicando melhores condições de vida para a classe menos favorecida da sociedade. Esta perspectiva se reflete nos contos de *Xente de Inverno* (1995), que ao mesmo tempo em que situam suas narrativas no espaço da Galícia, trazem um

conteúdo universalizante, pela sua construção de uma identidade galega e também pelo engajamento contra o estado de dominação.

A problematização do preconceito com o negro, o aliciamento e a luta de classes se fazem muito marcantes no episódio narrado no conto “Nkemba e o funcionário colonial”, no qual um africano, chamado Eugenio Nkemba, é levado para a Galícia por um funcionário do governo, com a intenção de desmistificar a ideia que se tinha de que ele era racista e com isso ganhar prestígio da sociedade e autoridades locais: “Em Vigo apreciarão a nossa benevolência e romperemos com essa ideia que têm de nós como racistas e devoradores de negros.” (GARCÍA, 1995, p.26). O funcionário colonial promete ao africano uma vida melhor do que aquela que ele teria na África após a morte da mãe, único laço familiar após a morte de seu pai. Ao chegar à Espanha, o negro aliciado é explorado e humilhado pelo funcionário do governo, que o submete a condições constrangedoras, fazendo-o dançar até a exaustão uma dança inventada pelo próprio funcionário. Além disso, esse se refere ao africano como um animal: “[...] Em Guinéa-Bissau são selvagens e comem carne humana crua, [...]. Este é da selva e ainda tem saudades e desejos de sugar os ossos num recanto da cabana. E, ainda, quer satisfazer essas canibalescas intenções.” (GARCÍA, 1995, p. 28).

Ao conviver com a comunidade em Vigo, Nkemba vai ganhando consciência de sua situação e isso o faz resgatar o ódio que nutria pelos brancos pelo assassinato de seu pai. Ele, então, através do contato com a comunidade em que estava inserido se rebela contra o tutor e passa a envolver-se com movimentos operários subversivos clandestinos. O desfecho não poderia ser senão a sua prisão e morte, mostrando o que acontecia com quem tentava desafiar a classe dominante.

Semelhantes traços podem ser percebidos em “O motín” cujo tema central é o trabalho de um grupo de operários explorados pela empresa construtora, que os obriga a quebrar pedras sob condições sub-humanas de trabalho. A rotina é de opressão constante, levando-os a viver uma realidade quase insuportável. Nesse texto, o autor utiliza o discurso indireto livre para dar a dimensão do dilema vivido pelos personagens: “aquele inferno começava mesmo nas palavras. O implacável ultimato originava-se a troco de trabalho: ir pendurados na pedreira, de mineiros, ou voltar para o famélico Foxo.” (GARCÍA, 1995, p.7). Na narrativa, o trabalhador não tem opção, ou se submete, ou passa fome. É a realidade de um povo sofrido que, sem alternativa, precisa silenciar para não sofrer consequências ainda mais graves.

Numa tentativa de escamotear as péssimas condições de trabalho dos operários, que resultavam em várias mortes, a empresa construtora se valia de ameaças e subornos para

conter os trabalhadores: “para alguns houve ameaças e para outros subornos” (GARCÍA, 1995, p.8). Além disso, os empreiteiros contam com o apoio da força de dominação ideológica da igreja, que se levanta em sua defesa sempre que necessário. Em dias específicos, os operários tinham liberação para ir visitar suas famílias. Porém, certo dia eles não apareceram, e as mulheres todas ficaram desesperadas, pensando no pior. Pouco depois, os companheiros de trabalho apareceram em marcha fúnebre, trazendo o companheiro Arturo morto.

A reação habitual dos moradores, diante das ameaças, era o silenciamento, mas desta vez foi diferente. Apesar do discurso moralista do clérigo, tentando acalmar os ânimos da população e submetê-los à ordem vigente, a comunidade se rebelou contra os desmandos e o desfecho, mais uma vez, terminou com mortes, desta vez, do capataz da empresa e do clérigo corrupto.

São exemplos da temática que percorre a coletânea *Xente de inverno*, na qual são recorrentes fatos do cotidiano que, carregados de significação e ideologia contra-hegemônica, aludem à história de opressão imposta à Galícia. Um retrato da vida comum com seus problemas comuns, porém capazes de representar uma problemática que é universal: a luta dos povos oprimidos por uma vida digna.

Considerações finais

Além das discussões de gênero, um segundo plano importante para situar a escrita de García, nosso estudo a considera como uma movimentação crítica, engajada no sentido de atualizar a memória sobre realidades sombrias, o que pode causar reflexão. A partir do estudo de *Xente de inverno*, consideramos que, de fato, a ficção pode dizer verdades. De acordo com Dante Moreira Leite: “a verdade total, seria, assim, obtida com a total fantasia. Seja como for, a ficção parece mais completa que a biografia puramente narrativa, assim como a caricatura parece mais reveladora do que o retrato.” (LEITE, 1979, p.25). Com efeito, todo o trabalho intelectual de Xosé Lois na obra em questão pode ser lido como um processo de problematização de questões relevantes para a história e a cultura galega em toda a sua complexidade.

Xente de Inverno vai além dos limites das narrativas específicas, ele significa uma tomada de posição diante das injustiças sociais, um engajamento contra um modo de opressão no século XX. Por meio dessa postura engajada, a obra proporciona uma viagem pelas

paisagens da vida comum da Galícia, revisitando sua história e revelando nuances sutis não contempladas pela história oficial.

Referências:

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 15ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOUZA, Xosé A. P. As extremas do realismo e a linguaxe em Xente de inverno. In: **Xosé Lois García – Coloquio Homenaxe – Chantada**, 13 e 14 de agosto de 2005. Coordenação Cristina Mello e Pepe de Requeixo. Barcelona: 7Amigos, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: Estudos de Teoria e História Literária. 11ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Trad. de Waltensir Dutra. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GARCÍA, Xosé Lois. **Xente de inverno – contos**. A Coruña: Edicións do Castro, 1995.

GARCÍA, Xosé Lois. Galicia coincide en moitas cousas co norte de Portugal. [20 de janeiro, 2010] **A Coruña**: Revista La voz de Galicia.es. Entrevista concedida a Francisco Albo. Disponível em: <http://www.lavozdeg Galicia.es/lemos/2010/01/21/0003_8241098.htm> Acesso em: 03 ago. 2014.

LEITE, Dante Moreira. Ficção, biografia e autobiografia. In: LEITE, Dante Moreira. **O amor romântico e outros temas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Trad. de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. 2ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MORAIS, Lívio de. Xosé Lois García, o investigador de África. In: **Xosé Lois García – Coloquio Homenaxe – Chantada**, 13 e 14 de agosto de 2005. Coordenação Cristina Mello e Pepe de Requeixo. Barcelona: 7Amigos, 2006.

MOURA, Andityas S. **A letra e o ar**: Palavra-Liberdade na Poesia de Xosé Lois García. Lisboa: Universitária Editora, 2004.

NOVAES, Adauto. (org.) Sobre tempo e história In: NOVAES, Adauto. **Tempo e história**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

REMÉDIOS, Maria Luiza. Literatura confessional: espaço autobiográfico. In: REMÉDIOS, Maria Luiza. **Literatura confessional – autobiografia e ficcionalidade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

AUTOBIOGRAPHY AND FICTIONAL NARRATIVE IN XENTE DE INVERNO, WRITTEN BY XOSÉ LOIS GARCÍA

Abstract

Still little known in Brazil, Xosé Lois García, that was born in Lugo, in the Galician autonomous community, Spain, is an important role in the culture and Galician literature. Scholar of cultural manifestations and Romanic art and its symbols, literary reviewer and writer, he has its largest production in poetry, although he has narratives of great relevance. The subject of this study is one of his books, *Xente de Inverno* (1995), which brings together fifteen short stories, whose plot is set in Galicia from 1940s and 1950s, which establish a dialogue with reality experienced by the author in its childhood. The texts of this collection transit between history and fiction, with a language full of lyricism and strong presence of the author and Galician society cultural memory. By means of literature review procedure, literary analysis and criticism, this paper aims to investigate the boundaries between the biographical and the fictional writing in *Xente de Inverno*, in order to understand the relationship between fiction and memory. From this correlation we believe to be possible to understand the possibilities and limitations resulting from the combination of autobiography and fiction genres, and also connect the author's personal experience with the ideologies spread in his narrative.

Keywords

Xosé Lois García. *Xente de Inverno*. Autobiography and fictional narrative.